## SOJA

### Não se espera uma grande safra, mas já se visualizam dificuldades no mercado internacional

Os primeiros levantamentos da área de plantio da soja na safra 1982/83 apontam dois movimentos distintos. Por um lado, parecem confirmar-se as estimativas iniciais de ligeiras reduções de área nos estados sulinos e, por outro, devem ocorrer crescimentos percentuais significativos nos estados centrais. Esta tendência já se vem delineando há algumas safras. De fato, desde 1980, quando se colheu a produção recorde de 15,16 milhões de t, num total de 8,77 milhões de ha plantados, a área da sojicultura no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo só tem feito decrescer. Simultaneamente, as lavouras de soja tem-se expandido nos estados centrais mas, em geral, o resultado líquido, no país, tem sido negativo.

Este ano, tudo parece indicar que a área colhida em 1981/82 – 8,2 milhões de ha – poderá repetir-se, apesar das dificuldades enfrentadas pelos sojicultores. Na realidade, essa estimativa reflete muito mais a falta de melhores alternativas de plantio do que condições favoráveis para a soja. Isto porque 1982 foi um ano de muitos problemas, que começaram com a estiagem no verão, estenderam-se por todo o ano com cotações extremamente deprimidas no mercado internacional e desembocaram na época do plantio com dificuldades de obtenção de recursos para o custeio das lavouras. A isto tudo deve ser somada uma séria quebra na produção de trigo.

Conforme se observa, a situação dos produtores não é das mais confortáveis. Seus custos financeiros vêm crescendo, na medida em que se reduz o percentual do VBC financiado a juros subsidiados – 70% no caso dos médios e 50% no dos grandes produtores – e cresce sua necessidade de recursos tomados no mercado "livre".

Atualmente, a maior parte das dificuldades, em termos de liberação de recursos de custeio para a soja, já teria sido sanada e as atenções de todos estão voltadas para o desempenho climático.

No Rio Grande do Sul, vem ocorrendo um excesso de chuvas na semeadura, o que talvez obrigue o replantio de algumas áreas. Na região Centro-Oeste, o clima está sendo normal e, até o final de novembro, toda a área deverá estar semeada.

Preocupações adicionais, entretanto, são levantadas por diversas entidades, a respeito da produtividade da próxima safra, ainda que o clima seja normal. Isto porque a utilização de sementes próprias e a redução do uso de insumos, possibilitadas pela circular 706 do Banco Central, podem acabar tendo um efeito negativo, em termos de rendimentos físicos por hectare das lavouras.

Por tudo isso, não é possível supor um incremento ponderável da produção brasileira em 1983. Se, efetivamente, forem colhidos – à semelhança de 1982 – 8,2 milhões de ha e a produtividade média se situar em torno dos 1.700 kg/ha (ligeiramente abaixo das de 1980 e 1981) a safra será da ordem de 14 milhões de t, apenas 9% superior à frustrada produção de 1982.

O mercado internacional, por sua vez, também não oferece sinalizadores positivos. O que significa que o Brasil contará com um crescimento relativamente pequeno de suas disponibilidades para exportação (com o aumento da safra) que talvez apenas compense a queda dos preços no mercado externo de *commodities*, mantendo praticamente inalterada, em 1983, a receita de exportação atualmente esperada para o complexo soja no corrente ano: algo em torno dos 2 bilhões de dólares.

Além disso, os Estados Unidos estão dando mostra de pretenderem disputar mais agressivamente com o Brasil o mercado de óleo de soja. Recentemente foi instituído um novo programa de crédito da ordem de US$ 1,5 bilhão, por três anos, que, segundo o *Foreign Agriculture Service* do USDA, será utilizado para expandir as vendas de óleo de soja norte-americano para a Índia, sintomaticamente o maior importador do produto brasileiro.

É bem verdade que nem todos

os elementos para 1983 estão dados. A safra sul-americana apenas começa a ser plantada e reveses climáticos podem ocorrer. As taxas de juros no mercado internacional se reduziram de maneira significativa e, caso o dólar venha a se enfraquecer frente às moedas da Europa Ocidental, a demanda por grão e farelo de soja pode se reativar sensivelmente.

## TRIGO

### Uma nova safra prejudicada e retomada do processo de extinção do subsídio

A safra de trigo de 1982 está-se configurando como uma das mais prejudicadas pelo clima nos últimos anos, comparável, em termos de produtividade, aos fracos resultados obtidos em 1977 e 1979, quando se colheram 655 e 764 kg por hectare, respectivamente.

A umidade, pouco frio e excessiva precipitação pluviométrica do último inverno, no Centro-Sul do país, foram responsáveis pelo início das perdas. Paraná e São Paulo tiveram seus rendimentos médios reduzidos (em relação às estimativas iniciais) em função do excesso de chuvas nos meses de junho e julho. Ainda assim, a produtividade nestes dois estados se situa em torno dos 850 kg/ha.

No entanto, foi a primavera quente e úmida do Rio Grande do Sul que selou o fracasso da produção tritícola deste ano. As doenças fúngicas encontraram campo fértil para sua proliferação e atualmente espera-se um rendimento médio das lavouras gaúchas em torno dos 500 kg/ha e, talvez, ainda seja menor.

Além disso, o peso hectolítrico (PH), que indica o rendimento do grão em farinha, será menor do que o considerado normal (78) e, em muitos casos, os agricultores colherão apenas "triguilho" (trigo com PH abaixo de 65) aproveitável apenas para fabricação de rações.

A safra, deste modo, sofrerá uma drástica redução, tanto em relação às estimativas iniciais quanto à própria produção de 1981. Inicialmente, previa-se uma produção em torno de 3 milhões de t, contra a safra de 1981, de 2,2 milhões de t. As últimas previsões, sujeitas a novos reajustes, indicam que deverão ser colhidas apenas 1,8 milhão de t (em números redondos) sendo 1 milhão de t no Paraná, 300 mil em São Paulo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina e Distrito Federal. Apenas 550 mil t serão colhidas no Rio Grande do Sul, contra a estimativa inicial de 1,3 milhão de t, naquele estado.

Diante deste quadro, ampliam-se as necessidades de importação do cereal, em 1983. A produção que será destinada à indústria (1,5 milhão de t aproximadamente) precisará ser complementada por importações da ordem de 4 milhões de t, para atender a um consumo interno de 5,5 milhões de t — quantidade ligeiramente inferior à de 1981 — 5,8 milhões de t. Esse consumo, muito elevado em relação à produção do país, já pressupõe a retomada do processo de retirada do subsídio através de reajustes mais freqüentes dos preços de venda do trigo aos moinhos. Em 1982, a única majoração desse preço ocorreu em maio.

Tudo leva a crer que as autoridades intensifiquem estas majorações de preços, a partir do final do corrente ano, até porque suas previsões do dispêndio de divisas com a aquisição de trigo, em 1983, são bastante otimistas. Com efeito, espera-se uma redução do gasto com as importações do cereal, no próximo ano, uma vez que, em geral, as cotações internacionais das mercadorias agrícolas estão sendo favoráveis aos compradores.

É possível que se concretizem as expectativas mais otimistas, que supõem a persistência de baixas cotações no mercado internacional. No entanto, isto não será suficiente para que as despesas com a aquisição externa do cereal situem-se no nível esperado, em torno de US$ 500 milhões. Deste modo, apenas com a redução do volume físico importado, em 1983, será possível diminuir o peso das compras na balança comercial. O êxito desta tarefa depende, entre outras coisas, do volume das safras de verão e da abundância, ou não, de produtos substitutos. Influirão, também, a evolução da inflação interna e a situação das contas externas do país.

Como a fase atual do mercado internacional de grãos é de grande oferta e os países produtores/exportadores vêm disputando acirradamente o mercado, o Brasil poderá beneficiar-se, efetuando compras a prazo, ou com juros favorecidos, podendo, assim, apesar de suas dificuldades cambiais, suprir as necessidades de importação de trigo.